

George Chinnery (1774-1852),  
Igreja de S. Domingos com a Fortaleza do Monte ao fundo.  
Sem data.  
Cortesia da Martyn Gregory Gallery, Londres.





## Macau na Literatura Inglesa

ROGÉRIO MIGUEL PUGA\*

*In 1959, the British novelist Ian Fleming is said to have sat on a Macao balcony overlooking the Pearl River estuary and mused: 'I suppose a man could be happier here than anywhere else in the world.' He paused, sipped his drink, and gazed at the boats tacking up-river. 'For about a fortnight.'*

Donald Pittis e Susan J. Henders (eds.), *Macao: Mysterious Decay and Romance*, Hong Kong, Oxford University Press, 1997, p. xviii.

Na sequência de dois estudos que publicámos anteriormente,<sup>1</sup> e com base na história da presença inglesa em Macau, procederemos à contextualização da representação da cidade na literatura inglesa em geral, desde o século XVI, em obras como *Principal Navigations* (1589, edição ampliada: 1598-1600), de Richard Hakluyt,<sup>2</sup> passando por romances como *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe,<sup>3</sup> até ao século XXI. Apresentaremos

apenas os temas e motivos literários mais significativos da imagem de Macau na literatura inglesa, permitindo-nos o conhecimento da história da presença britânica no Sul da China,<sup>4</sup> de forma diacrónica, a representação de Macau como cidade cronotópica, uma vez que muita da informação que se encontra em relatos de viagem, poemas, contos e romances vem, como veremos, de “fora do texto para o texto”, exigindo, portanto, um estudo atento a todas as direcções que apontam para o mesmo.<sup>5</sup> A descrição espacial de Macau na literatura anglófona contempla uma extensão alargada de espaços interiores e públicos, passando pela China profunda, sendo o território referido em vários romances de aventura desde 1999 como “*former Portuguese colony*”,<sup>6</sup> na qual o viajante pode observar e entrar em contacto com a China profunda com um pé sempre no Ocidente.<sup>7</sup>

Tal como indicam os títulos das sete partes que constituem o *Handbook of Urban Studies* (2001),<sup>8</sup> a urbe pode ser lida como: economia, ambiente, multidão ecléctica, política, (discurso do) poder e progresso/transição, exigindo essa variedade de dimensões uma abordagem pluridisciplinar do espaço humano. Se os Estudos Urbanos advogam a necessidade de se interpretar a cidade através de uma perspectiva multidisciplinar,<sup>9</sup> Carlos Rotella chama a atenção para

\* Doutorado em Estudos Anglo-Portugueses. Professor Auxiliar da Universidade de Macau. Investigador do Centro de Estudos Anglo-Portugueses, do Centro de História de Além-Mar, da Universidade Nova de Lisboa, e do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

*Ph.D. in Anglo-Portuguese Studies. Assistant Professor at the University of Macau. Researcher at the Centre for Anglo-Portuguese Studies and at the Centre for Overseas History in Lisbon's Universidade Nova, and at Lisbon University's Centre for Comparative Studies.*

## LITERATURA

o facto de espaços urbanos reais como Macau serem obviamente também “moldados” pela imaginação,<sup>10</sup> enquanto Joachim von der Thüssen aborda a cidade como metáfora, metonímia e símbolo na Literatura ocidental, tipologia de que partimos para analisar a representação do Território na literatura inglesa:

*“On the symbolical level, the city is seen as an image of something larger than itself [...]. Literature has both celebrated the city as the supreme expression of wealth, of energy, of the amalgam of living styles and, conversely, as representative of modern society’s ills, its anonymity, egotism, oppression, and anxiety. [...] On the metaphorical level of image-making, the city is represented in terms of relatively concrete constructs and processes that often have no overt connection to urban life. Thus the city is seen as a body, monster, jungle, ocean or volcano. Such metaphorical equations usually have an ideological quality. [...] Such subsequent images complement each other or, as more often happens, cancel each other. [...] On the metonymic level [...] the image of the city is made up of customs, structures and buildings which are specific to that particular city.”*<sup>11</sup>

Como o autor afirma na sequência destas palavras, a imagem da urbe não é homogénea, consistindo num conjunto de “visões” parciais e heterogéneas, fenómeno que se verifica em muitos dos romances em que Macau marca presença como espaço da acção, por exemplo, *City of Broken Promises* (1967, doravante *CBP*), *Tai-Pan* (1966), de James Clavell e *An Insular Possession* (1986), de Timothy Mo, através da apresentação da cidade a partir dos mais variados pontos de vista: a opressiva terra natal das mulheres chinesas, macaenses e portuguesas, a residência secular dos lusos e a cidade comercial dos ingleses, personagens que se movem em esferas e espaços específicos. Se a experiência das nativas abandonadas pelos sobrecargas é veiculada pela expressão metafórica que dá título ao romance de Coates, os elementos etno-históricos que se acumulam ao longo dessa narrativa funcionam como símbolos do espaço e do tempo e veiculam a cor local, bem como as especificidades de uma cidade-fronteira isolada no Sul da China.

Até à segunda metade do século XIX, a Cidade do Santo Nome de Deus marca uma presença constante na literatura de língua inglesa através de relatos de viagem, intensificando-se a sua representação na ficção anglófona a partir da fundação de Hong Kong. Aliás, como acontece em *A Volta ao Mundo em Oitenta*

*Dias* (1872), de Jules Verne, Macau é muitas vezes visitada e até descoberta na sequência de uma visita à colónia britânica,<sup>12</sup> centro financeiro ao qual o sonolento entreposto português é comparado por dissemelhança, por exemplo, na poesia de W. H. Auden e em guias de viagem actuais.<sup>13</sup> Como concluímos em estudos anteriores,<sup>14</sup> o enclave, enquanto porta de entrada e residência ocidental na China, é descrito como simultaneamente português (familiar) e chinês (exótico), e as descrições de viajantes, narradores e sujeitos poéticos apresentam as diversas dimensões que compõem o tecido urbano do território, nomeadamente a população e o comércio, a arquitectura e os tipos sociais,<sup>15</sup> as relações sino-portuguesas, as formas de viver das diversas comunidades,<sup>16</sup> os monumentos mais célebres, como o farol da Guia, as ruínas de São Paulo, os jardins, as fortalezas e igrejas católicas, os templos chineses,<sup>17</sup> a “*picturesque bay*” da Praia Grande,<sup>18</sup> bem como os espaços públicos e privados, elementos que concorrem para a caracterização do espaço histórico e literário em questão.

De acordo com Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, a produção literária portuguesa em torno de Macau não é muito profícua até ao início do século XX,<sup>19</sup> sendo a maioria das descrições elaboradas por viajantes estrangeiros, nomeadamente britânicos e norte-americanos,<sup>20</sup> que se deslocam ao Extremo Oriente no âmbito de circum-navegações, viagens científicas, de trabalho, de lazer e de expedições militares, religiosas ou diplomáticas, muitos deles apenas “de passagem”, pelo que apresentam um olhar esguio desse espaço cosmopolita. O território, situado na China fechada ao exterior até meados do século XIX, funciona como um importante porto de escala e repouso, reabastecimento ou reparação de navios e de residência temporária de ocidentais no Império do Meio, onde estes se familiarizam com a cultura e língua chinesas, sobretudo a partir do século XVIII, contemplando os textos históricos em língua inglesa o ‘olhar’ da documentação portuguesa no que diz respeito à História do quotidiano da urbe,<sup>21</sup> preenchendo ‘vazios’ históricos. O entreposto divide-se em espaços como o militar (fortes e quartéis), o religioso (igrejas, conventos, instituições de caridade e templos chineses), o administrativo (palácio do governador, residência do mandarim da Casa Branca e instituições administrativas luso-chinesas) e o comercial (meios de transporte, casas comerciais, sedes das Companhias e lojas), sendo estes

## LITERATURE



Macau vista da colina da Penha. Gravura colorida à mão. Desenho de W. Heine. Gravura por P. S. Duval & Co. Phil<sup>a</sup> c. 1857.

também materializados através da presença de guardas africanos ao serviço do Império português, da maioria chinesa da população, dos vendedores ambulantes, das senhoras transportadas em cadeirinhas, da ordem da cidadela cristã e do aparente caos do Bazar chinês, entre tantos outros marcadores simbólicos e culturais da fronteira urbana que Macau representa.

O choque ou confronto de culturas marca o encontro civilizacional presente na maioria dos textos de língua inglesa, acabando as descrições do entreposto por ser filtradas de acordo com os interesses económicos e comerciais, as expectativas e limitações de quem observa e comenta a realidade distante. O católico português e o chinês representam um Outro para o recém-chegado protestante, que tenta descodificar as práticas culturais e religiosas justapostas nas faldas marítimas da China, tais como as celebrações do Ano Novo chinês, do Festival das Lanternas e as procissões católicas.<sup>22</sup>

Se viajantes ocidentais cansados da viagem, salvos de um naufrágio ou de um ataque de piratas respiram de alívio por entre igrejas e fortalezas

européias no Extremo Oriente, alguns mercadores e diplomatas descrevem o poder luso de Macau como apenas nominal, por vezes em prol dos seus interesses económicos na China,<sup>23</sup> onde os ingleses se tentam estabelecer junto ou próximo dos portugueses desde a primeira metade do século XVII.<sup>24</sup> A “cidade das promessas por cumprir” do romance de Austin Coates está longe de poder ser considerada um espaço urbano como Lisboa ou Londres, aproximando-se, quer em termos de área geográfica quer em termos sociais, da chamada cidade ou vila de província, e se Dickens é associado à capital inglesa, Austin Coates (1920-1997) é imediatamente associado a Macau. O espaço histórico em questão adquire assim uma importância primordial do romance histórico e *Bildungsroman* feminino de Coates ao estabelecer articulações funcionais e temáticas com as demais categorias da narrativa, pois comporta os componentes físicos, sociais, económicos e psicológicos do cenário da acção para os quais o próprio título *CBP* remete. São inúmeros os micro-espaços contemplados no romance de Coates, desde

LITERATURA

o espaço solitário, colectivo e estático às esferas sociais e psicológicas dos diversos ambientes e atmosferas das comunidades características do período representado ficcionalmente. Se Cantão é um local apenas reservado aos sobrecargas e, portanto, masculino, o enclave luso-chinês apresenta-se como um universo feminino por excelência, revisitado e comentado pelas personagens, bem como pelo narrador e pelo leitor.

O romance *The Pearl Pagoda* (1980), de Susannah Broome, reúne muitas das temáticas e dos elementos culturais associados à paisagem humanizada de Macau na ficção anglófona, pelo que nos deteremos nessa narrativa a fim de analisar os mesmos. No final de 1851, Megan Jones viaja de Gales para Macau, onde chega em Abril do ano seguinte com o objectivo de aí casar com Andrew Crosby, registando as suas primeiras impressões:

*“It was a beautiful sight. Across the bay lay the rolling brown hills of Southern China. Above the point stood a tall, white lighthouse and as we sailed nearer into the bay I caught sight of an imposing facade of pillars and arches and guessed this must be the ruin of the great church of São Paulo which had been destroyed nearly twenty years ago. The cross, undamaged, was silhouetted against the blue sky and as I gazed up at it I remembered how Arthur had told me it was the Portuguese who first brought Christianity to Macao. Originally the name Macao came from that of Liang Ma, or A-Ma, as the Chinese called her, the goddess of fisherman [...]. This small rocky peninsula was now to be my home ...”*<sup>25</sup>

Muitos dos factos históricos sobre a cidade são incorporados na narrativa durante descrições (através dos pensamentos) das próprias personagens. No excerto

Gruta de Camões. Gravura colorida à mão, sem assinatura, c. 1834.



## LITERATURE

em questão encontram-se condensadas temáticas como a origem etimológica do nome da urbe<sup>26</sup> e imagens como as ruínas de São Paulo e a cruz no topo da sua fachada, supostamente também cantada por Sir John Bowring num dos seus hinos.<sup>27</sup> O farol que a narradora refere no excerto é, decerto, o da Guia, o primeiro a brilhar na costa da China, mas que apenas é inaugurado em Setembro de 1865, ou seja, algumas dezenas de anos após o tempo da acção do romance. O romance histórico surge da fusão da História com a ficção, sendo os anacronismos como este e os episódios ficcionais característicos do subgénero. Ao chegar ao enclave, Megan descobre que o seu noivo falecera há uma semana e se encontra sepultado no Cemitério Protestante de Macau, um local histórico ainda hoje relacionado com a presença inglesa no território<sup>28</sup> e que volta a ser descrito na página 213. A jovem instala-se numa das vivendas da Praia Grande e descobre, através dos cules, que Andrew fora vítima do ópio. Ao longo do texto acumulam-se motivos literários do horizonte macaense que marcam presença na ficção inglesa em geral, espaços, monumentos, tipos sociais e referências ao clima, ao tráfico de anfião, à missão católica e ao transporte da mulher na cadeirinha,<sup>29</sup> ao uso do *Chinese Pidgin English*, língua comercial de contacto através da qual Megan comunica com os empregados nativos: “*Missee like go Glotto. Muchee nicee. Muchee people look see. [...] Tlees, flowels – Muchee pleety. You likee Glotto.*”<sup>30</sup> Esta última referência é imediatamente associada pelo leitor informado à Gruta de Camões, onde, segundo reza a lenda, o bardo redige uma parte da sua epopeia,<sup>31</sup> tal como refere a narradora: “*a garden or Grotto built round the statue of Camoens, the famous Portuguese poet. Apparently he had written part of his famous poem Lusiades while living in Macao.*”<sup>32</sup> O solitário e pacífico monumento é descrito enquanto o suposto exílio do poeta é associado indirectamente à situação em que a própria narradora se encontra.

O passeio pela cidade dá lugar à descrição de locais e monumentos como o Leal Senado, o Hospital de São Rafael, a Santa Casa da Misericórdia, a sede da Companhia das Índias, a Avenida Almeida Ribeiro, a Ermida da Penha, o forte e o observatório do Monte, as ilhas da Taipa e de Coloane e a fachada da igreja de São Paulo, “*which, so Mr Meade told [her...], had been built by the first Japanese Christians in 1602 and destroyed by fire in 1835, not twenty years ago. The original edifice had served as Jesuit College of the Mother of God.*”<sup>33</sup> Mais uma vez,

o motivo cronotópico das ruínas de São Paulo marca o tempo e caracteriza o espaço da acção, podendo o leitor atestar a veracidade dos factos avançados pela narradora com base em dados fornecidos por um informante local, fonte de saber essencial para qualquer viajante recém-chegado. De acordo com o Pe. Manuel Teixeira, a Igreja da Assunção da Nossa Senhora, cuja edificação começa em 1602, é inaugurada no ano seguinte, tendo trabalhado na sua construção católicos japoneses fugidos da sua pátria devido às perseguições contra a sua religião.<sup>34</sup> O autor informa ainda que, em Janeiro de 1835, um incêndio destrói a Igreja e o Colégio de S. Paulo, ficando de pé apenas a fachada. A narradora refere também a imponente residência do governador de Macau, identificado como Isidoro Francisco Guimarães, facto que o leitor interessado poderá confirmar em qualquer cronologia da História de Macau.<sup>35</sup> Quer na poesia quer na ficção inglesas, os portugueses são referidos como pioneiros no que diz respeito à presença ocidental no Extremo Oriente<sup>36</sup> e a Cidade do Santo Nome de Deus é representada predominantemente de forma realista,<sup>37</sup> pelo que o leitor identifica facilmente os locais e os referentes extratextuais a que os narradores e as personagens se referem.

O motivo da Babel de línguas desconhecidas nas ruas do território marca também presença na narrativa de Susannah Broome, tal como a religião tradicional chinesa.<sup>38</sup> À semelhança do que acontece em *CBP*, a busca de uma marido em Macau torna-se um tema recorrente, pois o capitão Hawkins sugere duas vezes à narradora que esta poderá casar com um dos muitos sobrecargas da Companhia das Índias, enfatizando a dependência que as mulheres sentem em relação à protecção masculina, sobretudo em territórios longínquos. Se o leitor atentar no contexto histórico extratextual, concluirá que as referências à vivência quotidiana dos sobrecargas são anacrónicas, uma vez que o monopólio da East India Company na China termina em 1834, e a acção da narrativa tem lugar em 1852, fenómeno literário característico do romance histórico enquanto subgénero híbrido. Megan acaba por casar com um comerciante, Robert, e regressar à Europa, tal como os sobrecargas nos romances cuja acção tem lugar no âmbito do *China Trade*. O enclave é, assim, representado amiúde como um espaço onde se instalam as mulheres e os familiares de comerciantes ocidentais devido à proibição chinesa de estes entrarem no Império do Meio, como Megan refere no início

## LITERATURA

da narrativa ao resumir a história da cidade, que se transforma num espaço de fronteira por excelência. A narradora resume a história da presença inglesa em Macau e refere a importância da urbe para o comércio britânico no Extremo Oriente, contextualizando a acção do romance e traduzindo termos nativos, como *hong*, desconhecidos da maioria dos leitores europeus:

*“Macao [...] was a colony held by the Portuguese under tolerance from the Chinese since 1557. With the opening of the great ‘Hongs’, the word meaning a commercial establishment or warehouse, along the waterfront at Canton city, many of the beautiful old villas which had been built by the Portuguese were rented by various merchants, for foreigners were not permitted to have their wives and children living with them at Canton. In consequence, when the tea sales were over the merchants, of different nationalities, came back to live in Macao with their families before returning once again, to carry on the trade that existed between China and the outside world.”*<sup>39</sup>

O excerto apresenta o espaço longínquo e desconhecido para onde a protagonista se dirige, antecipando o ambiente cosmopolita que esta aí encontrará, levando-a a concluir: *“Here East and West met as in no other city or province in the world.”*<sup>40</sup>

A maioria das descrições do território tem início quando o viajante chega ao rio das Pérolas, partindo do geral para o particular, como podemos verificar no relato de viagem de George Bennett: *“This ancient colony of the Portuguese, in China, has a very picturesque and romantic aspect on approaching it from the sea”*.<sup>41</sup> As igrejas e fortalezas altaneiras, as ilhas adjacentes, a população fluvial e as românticas ruínas ilustram a primeira impressão da cidade simultaneamente pitoresca e decadente, que de longe mais parece uma aldeia portuguesa ou mediterrânica, não fossem os templos e outras construções orientais e a população maioritariamente chinesa.<sup>42</sup> Após percorrer as sinuosas e calçadas vias e os *“filthy little Macao alleys”*,<sup>43</sup> o visitante familiariza-se com o território a desvendar, recolhendo impressões de monumentos como a Casa Garden, a Gruta de Camões,<sup>44</sup> os edifícios de prestígio portugueses como o Leal Senado, a Santa Casa da Misericórdia e os muitos conventos, fortes, igrejas e moradias que adornam a orla da Praia Grande, onde chegam os tancás e juncos que transportam os viajantes da Rada até aos portos interior e exterior.<sup>45</sup>

Romances como *Noble House* (1981), de James Clavell, representam a cidade no início do século XX nos seguintes termos: *“old wordly, very pretty [...] very different from Hong Kong [...] Dear old Portuguese Macao feeds off illegal gambling and gold smuggling and that’s what keeps them alive”*,<sup>46</sup> imagem também presente em *Thrilling Cities* (1963), de Ian Fleming, que descreve “Macao” como uma plataforma comercial onde o enigmático Dr. Rodrigo Lobo trafica ouro, actividade que a torna *“one of the most interesting market-places in the world, and one with many secrets.”*<sup>47</sup> Actividades económicas e turísticas como o jogo, a prostituição e a restauração têm lugar num enclave arquitectonicamente decadente, exótico e pitoresco, ambiente que leva Fleming a compará-lo a um antigo cemitério,<sup>48</sup> onde imperam os negócios obscuros das tríades. A imagem negativa do jogo é também transmitida por uma voz feminina, “Betty”, em missivas publicadas no jornal de Hong Kong, *China Mail*, e posteriormente reunidas com o título *Intercepted Letters: A Mild Satire on HongKong Society* (1905), obra que refere a utilização de Macau como local de retiro pelos residentes da colónia inglesa, que se passeiam pelos montes e pelo jardim da Gruta de Camões.<sup>49</sup>

Relativamente à imprensa europeia na Cidade do Santo Nome de Deus, refira-se a importância de alguns periódicos em língua inglesa nos quais autores portugueses, britânicos e norte-americanos publicam artigos, crónicas e estudos sobre o território. Enquanto *The Canton Register* (1827-1844); *The Canton Miscellany* (1831-1832); *Chinese Courier/Canton Gazette* (1831-1833); *The Chinese Repository* (1832-1852); *The Evangelist and Miscellanea Sinica* (1833) e *The Canton Press* (1835-1844) são fundados em Cantão e Macau por residentes britânicos e norte-americanos, *The Macao Review* (1929-1930); *Macao Herald* (1943); *The Macau Tribune* (1943-1945, suplemento semanal de *A Voz de Macau*) e *The Clarion* (1943-1945, suplemento de *Religião e Pátria*) são publicados no enclave luso-chinês por portugueses e residentes anglófonos, tendo jornais como o *Renascimento* (1943-1945) também edição inglesa.<sup>50</sup> Os textos publicados nesses periódicos contribuem para a tradução de composições literárias portuguesas e para a formação da imagem do território em língua inglesa,<sup>51</sup> à semelhança de antologias como *Traveller’s Tales of the South China Coast* (1986).<sup>52</sup>

Durante a estada em Macau, o ocidental familiariza-se com a dimensão exótica da cidadela

## LITERATURE

chinesa através de visitas a templos e ao Bazar chinês, por entre os pregões de vendedores ambulantes que trazem as donas de casa à janela para adquirir produtos domésticos. O visitante deambula pelos montes, enseadas e calçadas, enquanto a paisagem e a consciência urbanas se tornam subjectivas ao serem filtradas e descodificadas através de tradições e festas religiosas chinesas e lusas. O ritmo quotidiano é também descrito através das tarefas e dos hábitos de ordens religiosas e comunidades típicas como a dos mercadores; a dona de casa que apenas sai de casa coberta pelo dó para ir à missa ou visitar familiares; as prostitutas; os pedintes; os cafres maltrapilhos que guardam a cidade e o Palácio do governador; os empregados nativos a falar *Chinese Pidgin English* e os sobrecargas e famílias que passeiam pela Praia Grande e colinas acima, demonstrando que a cidade

é forçosamente interpretada de vários pontos de vista. A complexidade da imagem do espaço urbano em romances históricos como *An Insular Possession* e *CBP* exige que o estudo da representação de Macau seja feito a partir de ‘olhares’ de várias disciplinas, assumindo-se as relações de poder, o género, a miscigenação,<sup>53</sup> as diferenças sociais e o frenesim do jogo e do comércio do território como estratégias narrativas e temáticas que veiculam a singularidade do mesmo. O pitoresco enclave é considerado um espaço essencial para as relações sino-ocidentais, como reconhece a viajante Alicia Helen N. Little (Mrs. Archibald Little) em 1902, ao descrever o mesmo através de adjectivos como “*languid*”, “*exquisite*” “*sunshiny*” e “*romantic*”,<sup>54</sup> antes de comparar a Praia Grande à baía de Nápoles, imagens que se repetem no seu romance *A Millionaire’s Courtship* (1906). Em meados do século XIX, a Rada de

O jogo do *fan tan* numa casa de jogo em Macau. In *The Graphic*, Maio de 1873.



## LITERATURA

Macau funciona como teatro da Guerra do Ópio, onde as tripulações britânicas permanecem antes do conflito militar com a China, que dá origem a inúmeros relatos<sup>55</sup> e romances<sup>56</sup> sobre o confronto. A pluralidade de imagens de Macau levam David Clarke a listá-la como “*cinematic city*”<sup>57</sup> e o narrador do conto “The Short War of Mr. and Mrs. Conner”, de Ward Just, a defini-la como “*a movie set*”,<sup>58</sup> sendo o seu tecido urbano local de acção de narrativas fílmicas como o “*film noir*” “Macao” (1952), realizado por Joseph von Sternberg e no qual contracenam Robert Mitchum e Jane Russell. O enclave é também representado como um retiro de prazeres para jogadores, criminosos e homens de negócios em inúmeros romances de viagem/aventuras como *Lobster Calypso*, de David J. Andrews (2003),<sup>59</sup> reflectindo o estatuto de que o enclave goza como Las Vegas do Oriente em guias turísticos<sup>60</sup> e como um destino remoto para o turista ocidental, por exemplo, em *Travels with My Aunt* (1969), de Graham Greene.<sup>61</sup>

*O choque ou confronto de culturas marca o encontro civilizacional presente na maioria dos textos de língua inglesa, acabando as descrições do entreposto por ser filtradas de acordo com os interesses económicos e comerciais, as expectativas e limitações de quem observa e comenta a realidade distante.*

Quer os relatos de viagem quer as narrativas ficcionais representam as diversas comunidades em interacção: chineses, portugueses, macaenses,<sup>62</sup> residentes ‘estrangeiros’ (sobretudo britânicos e norte-americanos) e comerciantes de outras nacionalidades, com hábitos e traços culturais (vestuário, culinária,

língua, religião) e fisionómicos próprios. Mercadores, aventureiros, missionários, escritores, diplomatas, jornalistas, *globe trotters* e turistas criam, muitas vezes de acordo com interesses pessoais ou nacionais, a sua imagem do território, que ora se identifica ora se distancia do exótico universo, tornado mais familiar pelos intérpretes e guias portugueses que, desde o século XVI, servem de intermediários e tradutores linguísticos e culturais entre o mundo ocidental e o Império do Meio.

A poesia em língua inglesa também se ocupa da dimensão multicultural e urbana do território através dos mais diversos artificios.<sup>63</sup> Sir John Francis Davis, um dos primeiros governadores de Hong Kong (1844-1848), visita Macau diversas vezes e, em 1831, redige um poema em latim dedicado ao autor de *Os Lusíadas*, cuja tradução inglesa é publicada no *Chinese Repository* (vol. 8, n.º 11, 1840) e posteriormente gravada numa pedra junto da Gruta de Camões. O sujeito lírico refere o silencioso local onde o bardo português encontrou paz para redigir a sua epopeia,<sup>64</sup> enaltecendo a fama eterna de uma das figuras históricas portuguesas associadas à presença lusa no Oriente e assim transformada num símbolo da cooperação anglo-portuguesa no sul da China. Um sucessor do John Davis, Sir John Bowring, redige, provavelmente em 1849, o “Sonnet to Macao”, sendo o entreposto caracterizado através da metáfora “*Gem of the Orient Earth and Open Sea ...*”<sup>65</sup> e a sua beleza natural, sob a luz do sol personificado, elogiada.<sup>66</sup> Esta última expressão é recuperada e alargada semanticamente na ficção macaense em língua portuguesa por Maria Pacheco Borges, na sua antologia de contos *Chinesinha* (1974), na qual a narradora do conto “Órfã” se refere a Macau como “a minúscula pérola portuguesa encrostada na grande concha da China.”<sup>67</sup>

W. H. Auden visita a China em 1937-1938 e redige o soneto “Macao”, cujo sujeito poético apresenta uma imagem culturalmente dupla do sonolento território marcado pelo exotismo e pelo prazer sem pecado, por oposição ao burburinho económico da Hong Kong comercial descrito num outro poema.<sup>68</sup> Macau é caracterizada como “... *a weed from Catholic Europe [that...] took root/Between some yellow mountains and sea ...*”,<sup>69</sup> apresentando o texto, predominantemente

Tradução inglesa pelo Rev. Mr. Taylor do poema de Sir John Francis Davis dedicado a Camões, publicada no *Chinese Repository*.

Among these recesses of rock and of shade,  
Where the sun's mild beams on the rich foliage played,  
The genius of Camoens in beautiful verse,  
Poured forth its sweet lays which ages will rehearse:  
And here the fair marble once breathed in its grace,  
To tell of the poet that hallowed the place ;  
And the seat he loved most, while his eye was yet bright,  
Was known by the bust in the cave's mellowed light.

But time with its years has betrayed the fair trust,  
And crumbled the rich marble, alas, in the dust ;  
And stillness now reigns profound as the grave,  
Through the rocks and the shades of Camoens' Cave.

But the fame of the poet in brightness is streaming,  
And his name on the page of glory is gleaming ;  
While his works as the models of genius yet live,  
And seek not from marble her praises to give.

So ever lives genius through time's crumbling power,  
Till ages shall cease to chronicle their hour,  
And spurns the crushed marble its story would boast,  
And triumphs, yet deathless, when monuments are lost.

## LITERATURA

descritivo, um policromático retrato do horizonte urbano que funciona como um singular “fruto exótico”, símbolo da vivência luso-chinesa. Nas quadras, o olhar do eu lírico demora-se nas imagens e estátuas de santos em estilo rocóco que prometem salvação aos jogadores, enquanto igrejas se acomodam lado a lado com bordéis como materialização espacial do “comportamento natural” do ser humano que a fé pode perdoar, imagem essa continuada nos tercetos:

*A town of such indulgence need not fear  
Those mortal sins by which the strong are killed  
And limbs and governments are torn to pieces:*

*Religious clocks will strike, the child vices  
Will safeguard the low virtues of the child,  
And nothing serious can happen here.<sup>70</sup>*

Erotismo rima, portanto, com exotismo através do campo semântico da ingenuidade infantil, por entre vielas e edifícios da cidade, recordando os relógios e os sinos das altaneiras torres católicas que o inferno poderá esperar o viajante que se entrega aos mistérios e prazeres carnavais do Oriente. O verso final do soneto afirma que nada de importante poderia acontecer na sonolenta e pitoresca Cidade do Santo Nome de Deus, cujos excessos marcam também presença no romance *Cities of Sin* (1945), de Hendrik de Leeuw:

*“There is no question that it harbours in its hidden places all the ruffian of the world, the drunken shipmasters; the flootsam of the sea, the derelicts, and more shameless, beautiful women than any port in the world. It is hell. But to those who whirl in its unending play, it is one haven where there is never a hand raised or a word said against the play of the beastliest emotions that ever blacken the human heart.”<sup>71</sup>*

Em 1949, G. H. Jollie, militar inglês a residir no Hotel Boa Vista,<sup>72</sup> publica, em Macau, uma antologia de poemas chineses traduzidos para inglês, aos quais junta uma série de composições poéticas da sua autoria já publicadas na imprensa local.<sup>73</sup> O título da obra, *The Edge of the World: Translations from the Chinese and Some Additional Poems*, remete desde logo para a posição periférica do enclave em relação aos centros de cultura e poder ocidentais, para a sua localização geográfica no Império do Meio e para o exercício de tradução linguística e cultural que o autor desenvolve

ao longo dos textos que traduz e compõe. O referido elemento paratextual da antologia de Jollie aponta, assim, para o conceito de fronteira étnica, cultural e mesmo civilizacional, uma vez que o termo ‘limite’ implica o fim geográfico de um mundo ou de uma dimensão do mesmo. A posição geopolítica marginal de Macau é também referida por Thomas Kuyck van Mierop, em *CBP*, quando chega à China e por autores como W. H. Davenport Adams, em 1886: “*the city [...] is situated three thousand leagues from Lisbon, [...] and set at the extremity of the known world.*”<sup>74</sup>

Jollie falece aos vinte e nove anos de idade, em Dezembro de 1950, cumprindo o seu dever militar na Malásia e deixa em Macau um “coração partido”, ou seja, uma namorada macaense,<sup>75</sup> pois as estadas de sobrecargas, mercadores e militares ingleses na Cidade do Santo Nome de Deus dão origem a relações amorosas e a casamentos interétnicos. A segunda parte de *The Edge of the World*, intitulada “Poems”, consiste numa série de poemas da autoria de Jollie, nos quais são apresentados retratos do quotidiano macaense. O sujeito lírico agrupa termos e expressões que veiculam os diferentes níveis das unidades de sentido dos textos, nomeadamente a vivência infantil, as relações amorosas e o enclave *per se*, campos de significado nos quais a poetização de um espaço caracterizado de forma realista se justapõe às dúvidas metafísicas e aos elementos de uma natureza circundante que serve de fronteira natural a um local sonolento e marcado por fortes contrastes humanos, arquitectónicos e culturais. O *flâneur*<sup>76</sup> passeia-se pelas ruelas calcetadas, fornecendo ao leitor imagens da dimensão humana da urbe transfigurada através de recursos estilísticos como a metáfora e a comparação, enquanto o relógio parado no topo da catedral recorda que o tempo transforma os espaços domésticos e públicos, nos quais o sorriso de uma criança mestiça prova que o “Oriente e o Ocidente se encontram”.<sup>77</sup> A miscigenação é um tema implícito no poema “Macao”, no qual os romances entre ocidentais e nativas são descritos como nocturnos, ou seja, escondidos,<sup>78</sup> tal como o de Martha e Thomas em *CBP*. O sujeito lírico caracteriza o espaço multicultural do entreposto – “*at the world’s extreme [...] a siren land*”<sup>79</sup> – através de adjetivos como “*purple*”, “*strange*”, “*turquoise*”, “*idle*”, “*yellow*”, “*unnumbered*” e “*somnolent*”, que por sua vez estabelecem uma estreita relação entre si e os substantivos que qualificam, construindo uma imagem do enclave onde reinam a indolência, a calma e o jogo,

## LITERATURE

tal como no poema de W. H. Auden. Nos restantes textos da antologia acumulam-se ainda referências a espaços como a Praia Grande e o Colégio/Convento de Santa Rosa de Lima,<sup>80</sup> facilmente identificados pelo leitor informado.<sup>81</sup>

Em 1995, Alexandre Pinheiro Torres dedica uma antologia de poemas a Macau, *Trocar de Século: Poema/Century Sleep: A Poem*,<sup>82</sup> publicada simultaneamente em português e inglês. O título da obra remete quer para a passagem do tempo no enclave desde a sua fundação portuguesa (c. 1557) quer para a transição da administração do território para a República Popular da China (1999), pouco antes do início do novo século/milénio. As quarenta e uma composições poéticas sugerem o carácter pluricultural da urbe metaforizado nos diversos gatos famintos que percorrem os cemitérios chineses, ingerindo as oferendas (“*that the dead can only smell*”) deixadas por nativos como culto aos seus antepassados, repasto que os animais não encontram nos túmulos das galilés ocidentais, onde “*the angel isn't for eating*.”<sup>83</sup> Macau é caracterizada como um aeroporto cosmopolita de onde se voa para o mundo<sup>84</sup> e no qual a ‘alma portuguesa’ se faz sentir ao lado da chinesa,<sup>85</sup> como recordam os termos associados ao campo semântico da vivência multissecular cultural do enclave:

bruma-mistério, caligrafia, século, céus-asas-voar, jogo, cidade-pérolas-ostras, lótus, Camões; Portas do Cerco, ilhas da Lapa e da Montanha, lorchas e fortalezas. O olhar do sujeito lírico filtra os becos de Mong-Há, os tancás, os casinos flutuantes e o farol da Guia por entre mercados chineses onde tilinta a pataca, símbolo da prosperidade local.<sup>86</sup> A par das paisagens características do território, como os andaimes construídos com canas de bambu, o chá, os idosos do Largo do Leal Senado e o jogo,<sup>87</sup> a antologia vai reunindo cumulativamente diversos ex-líbris do espaço (re)visitado, por exemplo, a fachada personificada das Ruínas de São Paulo, que, iludida, vive (n)um eterno drama ascético, sendo um “*cemetery of stone [...] flapping its wings to take flight*”<sup>88</sup> que, agarrado ao chão de Macau pelo peso da âncora, remete para os Descobrimentos portugueses.

As imagens que temos vindo a estudar no que diz respeito à representação de Macau na poesia inglesa repetem-se em duas composições poéticas mais recentes. O sujeito lírico de “A Sight in Macao” (1993), de Anne Rouse, descreve um quadro humano e não tanto espacial ao longo de duas setilhas de métrica irregular. Uma mulher chinesa arrasta-se pela urbe, enquanto jovens, rodeados de dragões de fumo chineses, celebram o Ano Novo e se dirigem aos padres católicos lusos, junto à

Thomas Watson, Convento e Fortaleza de S. Francisco vistos do mar. Lápis e aguarela sobre papel, c. 1859. Cortesia do Museu de Arte de Macau.



## LITERATURA

fachada das Ruínas de São Paulo. O erotismo marca presença no texto através da relação dos “businessmen” norte-americanos, que olham para a vigilante pedinte chinesa como o “available East”,<sup>89</sup> enfatizando as dimensões feminina e masculina do mundo que se desvenda perante o olhar do turista. O poema “Macao” (2003), de Charles Thomlinson, funciona também como uma descrição, mas dos elementos culturais da Cidade do Santo Nome de Deus, assentando a sua estrutura na enumeração de paisagens específicas portuguesas, inglesas e chinesas, como a árvore do pagode (“banyan”), visível por toda a cidade,<sup>90</sup> como também o texto refere, as fachadas de igrejas, o incenso, o Templo de A-Má, a capela e o cemitério protestantes. A composição poética, composta por trinta e dois versos curtos e de métrica irregular, divide-se em cinco partes, que veiculam a vivência multicultural e cosmopolita do território, marcando a esfera lusa presença na primeira parte (versos 1-7) através do imaginário católico da igreja e da biblioteca destruídas por um incêndio e jamais restauradas (Colégio Jesuíta), sendo as ruínas (de São Paulo) invadidas pelo cheiro do incenso. À invocação do espaço histórico-religioso segue-se uma imagem tipicamente chinesa, a do gato sentado no Templo da Barra (versos 8-11) – utilizada também por Pinheiro Torres – e a descrição das divisórias da capela protestante, bem como a transcrição anónima de uma lápide do cemitério britânico (versos 12-18): “the apprentice boy ‘who died on board/la fall into the hold’.”<sup>91</sup> A quarta parte (versos 18-23) dá lugar à azáfama dos alunos que passam pelo busto de Vasco da Gama, terminando o poema com uma outra imagem local (versos 24-31): o interior do pagode onde os chineses prestam culto às suas divindades através dos pivetes, metaforizados como “cigarettes of eternity”.<sup>92</sup> A cor local que caracteriza os diferentes espaços religiosos aludidos – a igreja católica, o pagode chinês e a capela e o cemitério protestantes – remete para as relações anglo-portuguesas no território chinês, para a importância do mesmo no âmbito do *China Trade* e para os Descobrimientos Portugueses simbolizados pelo busto de “Da Gama”.<sup>93</sup> Tal como no poema de W. H. Auden, que já analisámos, também neste texto as Ruínas de São Paulo e a própria urbe são descritos como “A fragment of Catholic Europe”<sup>94</sup> no Império do Meio, que se funde com a vivência maioritariamente chinesa.

A singularidade do território leva autores como Colin Simpson a afirmar, em 1962: “if it were somehow

decreed that I could see no more new places, and could only revisit some of those I had been to, Macao would be one of the places [...] because it is such a pastiche and no other place is like it.”<sup>95</sup> Macau funciona assim como um espaço literário através do qual se representam de forma realista as relações anglo/sino-portuguesas desde o século XVI, o género, o exotismo e o erotismo do Oriente, bem como as trocas culturais entre ocidentais e orientais, evidenciando relações de poder e interesses económicos por entre vielas lusas e templos chineses em Macau. O enclave é, assim, representado como espaço pitoresco, sonolento, deserto, romântico e sobretudo histórico em romances como *CBP*, *Tai-Pan* e *An Insular Possession*, tornando-se um motivo cronotópico quer público (espaços abertos) quer privado (espaços domésticos e interiores) na lógica espácio-temporal dessas narrativas. O cronótopo da viagem é um tema constante em *CBP*, cuja acção começa e termina com as expedições marítimas de Thomas e Martha Van Mierop. No que diz respeito à representação de Macau enquanto cidade cronotópica nessa narrativa, e segundo a tipologia apresentada por Sue Vice,<sup>96</sup> o cronótopo funciona de três formas: a) como meio através do qual o texto representa a História, b) como imagem do tempo e do espaço no romance a partir da qual a representação da História é construída e c) como forma de discutir as propriedades formais do próprio texto em relação a outras narrativas, assentando a estrutura de *CBP*, em grande medida, na representação do espaço e tempo históricos em que o processo de formação de Martha tem lugar, ou seja, a Macau setecentista. O pulsar nocturno e diurno da urbe; os episódios apresentados como simultâneos num espaço (assim) fortemente ‘temporalizado’;<sup>97</sup> os afectos, a memória e o movimento das personagens nos espaços públicos, domésticos e suburbanos, entre os quais o mar, o rio das Pérolas e a China profunda; a relativa ‘insularidade’ de Macau; a decadência arquitectónica; os múltiplos ritmos humanos e os elementos etnohistóricos concorrem para a representação ficcional do horizonte macaense e fazem parte do aspecto cronotópico do *corpus* que estudamos no presente texto, pois, como afirma Ato Quayson:

“the innercity is a chronotope as Bakhtin defines it, the chronotope is a time-space organisation that calls up a specific affective response and allows us to relate an image to specific spatiotemporal and historical coordinates. [...] The chronotope of the

## LITERATURE

*alleyways, and dark streets [...] serves to signal a concern with the otherness of the cityscape even as a variegated racial (and class) demography is written onto it.*<sup>98</sup>

Na literatura inglesa, a Cidade de Santo Nome de Deus funciona, assim, como um motivo cronotópico que evoca o passado histórico através do espaço geográfico partilhado pelas autoridades portuguesas e chinesas e rentabilizado comercialmente pelos britânicos, característica que é enfatizada em *An Insular Possession* e *CBP*, tal como em *Amor e Dedinhos de Pé*, enquanto romances históricos (e os dois últimos *Bildungsromance* femininos), uma vez que o cronótopo relaciona de forma íntima a vivência humana com o contexto em que esta tem lugar,<sup>99</sup> no caso a urbe, que, enquanto expressão dessa experiência colectiva, incorpora os percursos e as histórias pessoais dos residentes. Tal como Frederik Tygstrup conclui, o facto de a representação da cidade como um ‘todo’ ser impossível acarreta um desafio duplo, quer em termos de técnica literária, ao exigir novas formas de

representação que veiculem a sensação de urbanidade, quer em termos da forma de (re)pensar a cidade e de identificar os inúmeros impulsos criativos a que esta dá lugar.<sup>100</sup> Enfrentamos esse mesmo desafio ao estudar quer a representação ficcional da Macau nas literaturas de língua inglesa de forma representativa quer o efeito que o território urbano tem nas personagens e sujeitos poéticos com base na forma como o espaço é percebido por estes e pelo próprio leitor. O imaginário Macaense na literatura inglesa, composto por motivos literários como a sonolência, a tolerância, as pitorescas calçadas, as construções arquitectónicas, a alteridade e o romance, reflecte um espaço geográfico e literário onde convivem várias etnias, comunidades e culturas, sendo, portanto, visões sobretudo protestantes e de cariz realista de um Oriente com feições portuguesas, uma vez que falar de Macau é recordar a gesta marítima lusa, sendo o território um retrato metafórico dos feitos heróicos dos portugueses, por sua vez materializados na multiplicidade cultural, ora familiar ora exótica, do enclave. **RC**

## NOTAS

- 1 Rogério Miguel Puga, “Macau enquanto ‘cronótopo’ exótico na literatura inglesa”, *Actas do I Congresso de Estudos Anglo-Portugueses*, Centro de Estudos Anglo-Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, 2001, pp. 705-723 (artigo publicado em chinês em *Administração: Revista de Administração Pública de Macau* (Macau), n.º 59, 2003, pp. 117-139) e idem, “Macau na poesia inglesa: Sir John Francis Davis; Sir John Bowring; W. H. Auden; Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres”, in Ana Maria Amaro e Dora Martins (coord.), *Estudos Sobre a China VII*, vol. 2, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2005, pp. 847-882.
- 2 Vide Rogério Miguel Puga, “The Presence of the ‘Portugals’ in Macao and Japan in Richard Hakluyt’s Navigations”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies* (Lisboa), n.º 5, 2002, pp. 81-115.
- 3 Idem, “A imagem dos navegadores portugueses na literatura inglesa setecentista: Robinson Crusoe, Captain Singleton e Gulliver na senda das rotas marítimas portuguesas”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa), n.º 8, 1999, pp. 62-63.
- 4 Idem, “Images and Representations of Japan and Macao in Peter Mundy’s Travels (1637)”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies* (Lisboa), n.º 1, 2000, pp. 97-109; idem, “A dimensão da alteridade em ‘The Travels’ de Peter Mundy (1637): Contribuição para o estudo das relações anglo-portuguesas no Extremo Oriente”, *Revista de Cultura. Edição Internacional* (Macau), n.º 3, 2002, pp. 136-152 (também publicado na edição chinesa de *Revista de Cultura*, n.º 47, 2003, pp. 57-70); idem, “Macau e o *China Trade*: O estabelecimento regular da East India Company na China”, *Daxiyangguo: Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos* (Lisboa), n.º 8, 2005, pp. 127-154; idem, “A Convenção de Goa (1635) e a Primeira Viagem (Luso-Inglesa a Macau)”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* (Lisboa), n.º 14, 2005, pp. 71-108 e idem, “As primeiras viagens inglesas a Macau (1635-1699)”, *Anais de História de Além-Mar* (Lisboa), n.º 6, 2005, pp. 159-214.
- 5 Expressão de Carlos Ceia, *Textualidade: Uma Introdução*, Lisboa, Editorial Presença, 1995, p. 49.
- 6 Vide Jeffrey Stone e Louise Little, *Letters to Rainbow: A Romantic Adventure Novel*, 2004, p. 141 e Donald G. Moore, *White Lotus*, 2004, p. 103, ambos publicados como e-books (iUniverse, Lincoln).
- 7 Cf. L. Strahan, *Australia’s China: Changing Perceptions from the 1930s to the 1990s*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996, p. 176.
- 8 Ronan Paddison (ed.), *Handbook of Urban Studies*, Londres, Sage, 2001, pp. 1-11.
- 9 Vide Lewis Mumford, *The City in History*, Harmondsworth, Penguin Books, 1979, pp. 282-287; Mary Ann Caws (ed.), *City Images: Perspectives from Literature, Philosophy and Film*, Londres, Routledge, 1993, pp. 1-12; Richard Lehan, *The City in Literature*, Los Angeles, University of California Press, 1998, pp. 8-9; Kevin Lynch, *The Image of the City*, Cambridge-MA, Harvard MIT Joint Center for Urban Studies, 2000, pp. 1-13; Gary Bridge e Sophie Watson (eds.), *A Companion to the City*, Oxford, Blackwell, 2003, p. 1 e Joachim von der Thüsen, “The City as Metaphor, Metonym and Symbol”, in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, Amsterdão, Rodopi, 2005, p. 1.
- 10 Carlos Rotella, *October Cities: Redevelopment of Urban Literature*, Los Angeles, University of California Press, 1998, pp. 3, 14-15.
- 11 Joachim von der Thüsen, *op. cit.*, pp. 1-3.

## LITERATURA

- 12 Jules Verne, *Voyage Around the World in Eighty Days*, 1991, pp. 115, 125.
- 13 Veja-se Rogério Miguel Puga, “‘Macau’ e ‘Hong Kong’ de W. H. Auden: Uma abordagem comparatista”, *Administração: Revista de Administração Pública de Macau* (Macau), vol. 55, n.º 5, 2002, pp. 325-338. Para uma comparação entre a frenética Hong Kong e a pitoresca Macau, consulte-se o guia de viagem Jules Brown e Sophy Fisher, *The Rough Guide to Hong Kong & Macau*, Nova Iorque, Rough Guides, 2002, p. iii: “*Macau makes Hong Kong look like the gaudy arriviste it is.*”
- 14 Rogério Miguel Puga, “Macau enquanto ‘cronótopo’ exótico na literatura inglesa”, pp. 705-723 e “Macau na poesia inglesa: Sir John Francis Davis; Sir John Bowring; W. H. Auden; Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres”, pp. 847-882.
- 15 Vejam-se o relato de viagem de David Abeel, *Journal of a Residence in China, and the Neighboring Countries*, Nova Iorque, J. Abeel Williamson, 1836 [1834], pp. 63-70 e o romance de Susannah Broome, *The Pearl Pagoda*, Londres, William Heinemann, 1980, pp. 42, 48.
- 16 Aeneas Anderson, *A Narrative of the British Embassy to China, in the Years 1792, 1793, and 1794*, Londres, J. Debrett, 1795, pp. 389-393.
- 17 B. L. Ball, *Rambles in Eastern Asia*, Boston, James French, 1856 [1855], pp. 409-411.
- 18 Sir Rutherford Alcock, *The Capital of the Tycoon*, vol. 1, Londres, Longman, Roberts, Green, 1863, p. 19.
- 19 Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho (eds.), *Viagem por Macau: Comentários, Descrições e Relatos de Autores Estrangeiros*, vol. 1, Macau, Livros do Oriente, 1997, p. 7.
- 20 Contemplamos algumas descrições norte-americanas de Macau devido ao detalhe e interesse das mesmas, pois, como afirma Bernard Mellor, na nota de abertura de Lindsay e May Ride, *An East India Company Cemetery: Protestant Burials in Macao*, Hong Kong, Hong Kong University Press, 1996, p. xv, é nos escritos da comunidade norte-americana que encontramos a maioria das descrições da Macau oitocentista, entendendo-se a nossa análise da imagem literária de Macau ao espaço anglófono, também através de fontes australianas.
- 21 Sobre esta temática, veja-se Rogério Miguel Puga, “A vivência social do género da Macau oitocentista no Diário de Harriet Low (Hillard)”, *Administração: Revista de Administração Pública de Macau* (Macau), n.º 56, 2002, p. 606.
- 22 Veja-se, por exemplo, o romance de Susannah Broome, *op. cit.*, pp. 107-108.
- 23 George Staunton, *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*, Dublin, P. Wogan, R. Cross, P. Byrne, J. Rice, J. Haplin e N. Kelly, 1798 [1796], pp. 384-389.
- 24 Vide Alexander Michie, *The Englishman in China during the Victorian Era as Illustrated by the Career of Sir Rutherford Alcock*, Londres, William Blackwood and Sons, 1900, pp. 291-293.
- 25 Susannah Broome, *op. cit.*, pp. 27-28. Na página 91, a narradora descreve a população fluvial de Macau em juncos, sampanas e tancás, por entre vozes nativas.
- 26 Sobre a origem etimológica do nome da cidade, veja-se Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, “A deusa-Amá e o topónimo Macau”, *Macau* (Macau), 3.ª série, n.º 17, 2004, pp. 95-108.
- 27 Veja-se Rogério Miguel Puga, “Macau na poesia inglesa: Sir John Francis Davis; Sir John Bowring; W. H. Auden; Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres”, p. 856.
- 28 Vide idem, s. v. “Cemitério Protestante”, *Dicionário de História de Macau*, no prelo.
- 29 Susannah Broome, *op. cit.*, p. 35.
- 30 *Ibidem*, p. 36. Veja-se também página 71.
- 31 Sobre a ‘lenda’ da estada de Camões em Macau, consultem-se Pe. Manuel Teixeira, *A Gruta de Camões em Macau*, Instituto Internacional de Macau, Macau, 1999, pp. 7-27 e Rui Manuel Loureiro, “Camões em Macau. Um mito historiográfico”, *Revista de Cultura. Edição Internacional* (Macau), n.º 7, 2003, pp. 108-125.
- 32 Susannah Broome, *op. cit.*, p. 36.
- 33 *Ibidem*, p. 41.
- 34 Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1997, p. 42.
- 35 Idem, *Residência dos Governadores de Macau*, Macau, Gabinete do Governador de Macau, 1999, p. 52.
- 36 Han Suyin, *The Enchantress*, Sidgwick & Kackson, Londres, 1985, p. 133.
- 37 David Lodge, *Modes of Modern Writing*, Edward Arnold, Londres, 1977, p. 25, afirma sobre o conceito de realismo: “*For obvious reasons, a verbal text can never be mistaken for the reality it refers to [...], the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture. [...] Thus the realistic novel, from its beginning in the eighteenth century, modelled its language on historical writing of various kinds, formal and informal: biography, autobiography, travelogue, letters, diaries, journalism and historiography.*” Sobre o conceito de realismo, consulte-se idem, “Analysis and Interpretation of the Realist Text”, *Poetics Today*, vol. 1, n.º 4, 1980, 5-18 e idem, *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*, Londres, Routledge, 1971, p. 4: “*... a particular mode of presentation which, roughly speaking, treats fictional events as if they were a kind of history, or in a more qualitative sense, to denote a literary aesthetic of truth-telling.*” Já Michael Riffaterre, *Fictional Truth*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1993, pp. xiii-xiv, afirma que a verdade na ficção assenta na verosimilhança, um sistema de representações que parece reflectir uma realidade externa no texto, sendo, no entanto, um fenómeno linguístico.
- 38 Susannah Broome, *op. cit.*, pp. 55, 58, 61-63, 73.
- 39 *Ibidem*, p. 17.
- 40 *Ibidem*, p. 49.
- 41 George Bennett, *Wanderings in New South Wales*, vol. 2, Londres, Richard Bentley, 1834, p. 27.
- 42 Vide J. Thomson, *The Straits of Malacca, Indo-China and China or Ten Years’ Travels, Adventures and Residence Abroad*, Londres, Sampson Low, 1875, pp. 275, 277.
- 43 James Clavell, *Noble House*, Nova Iorque, Delacorte Press, 1981, p. 19.
- 44 Lady Anna Brassey, *Around the World in the Yacht ‘Sunbeam’*, Nova Iorque, H. Holt, 1889, pp. 370-375.
- 45 James Wathen, *Journal of a Voyage in 1811 and 1812, to Madras and China*, Londres, J. Nichols, Son and Bentley, 1814, pp. 169-176.
- 46 James Clavell, *op. cit.*, pp. 89, 156, respectivamente.
- 47 Ian Fleming, *Thrilling Cities*, Londres, Jonathan Cape, 1963, p. 30.
- 48 *Ibidem*, p. 31.
- 49 Betty, *Intercepted Letters: A Mild Satire on the Hongkong Society*, Hong Kong, Kelly & Walsh, 1905, pp. 29-31.
- 50 Vide Pe. Manuel Teixeira, *A Imprensa Periódica Portuguesa*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1999, pp. 14-25, 137-227.
- 51 A título de exemplo, veja-se a tradução do soneto de Camões “Alma minha gentil, que te partiste”, em *The Macao Review*, vol. 2, n.º 3, Setembro de 1930, p. 1 e o artigo “First Impression of Macao”, assinado “Hong Kong Boy”, *The Macao Review*, vol. 1, n.º 2, Janeiro de 1930, p. 19.
- 52 Michael Wise e Mun Him Wise (eds.), *Traveller’s Tales of the South China Coast*, Singapura, Times Books International, 1986, pp. 20-166.
- 53 Veja-se o romance de Timothy Mo, *The Redundancy of Courage*, Londres, Paddleless, 2002, pp. 40-41.

## LITERATURE

- 54 Mrs. Archibald Little, *The Land of the Blue Gown*, Londres, T. Fisher Unwin, 1902, pp. 332, 336.
- 55 Vide John Outcherlony, *The Chinese War: An Account of All the Operations of British Forces from the Commencement to the Treaty of Nanking*, Londres, Saunders and Otley, 1844, pp. 76-78.
- 56 James Clavell, *Tai-Pan*, Hodder & Stoughton, Londres, 2002; Margaret Gaan, *Red Barbarian*, John Murray, Londres, 1984 e Timothy Mo, *An Insular Possession*, Londres, Picador-Pan Books, 1987.
- 57 David Clarke, *The Cinematic City*, Londres, Routledge, 2002, p. 100.
- 58 Ward Just, "The Short War of Mr and Mrs Conner", in *The Congressman who Loved Flaubert: 21 Stories and Novellas*, Nova Iorque, Houghton Mifflin, 1998, p. 172.
- 59 David J. Andrews, *Lobster Calypso*, Hertford, Authors Online, 2003, pp. 30, 35, 274.
- 60 Vide Brad Olsen, *World Stompers: A Global Travel Manifesto*, São Francisco, CCC Publishing, 2001, p. 194 e Vanessa Lide Whitcomb e Michael Benson, *The Complete Idiot's Guide to Modern China*, Nova Iorque, Penguin Books, 2003, p. 224.
- 61 Graham Greene, *Travels with My Aunt*, Londres, Penguin Books, 1993, p. 68. O romance de Gerald Vizenor, *Hotline Healers*, Wesleyan University Press, Londres, 1997, pp. 2, 57-58, também apresenta Macau como uma "exotic residence" onde abundam casinos.
- 62 O primeiro romance de Timothy Mo, *The Monkey King*, Londres, Paddleless, 2000, pp. 5-6, descreve a situação de um macaense ou 'filho da terra', Wallace Nolasco, na Hong Kong dos anos (19)50, que utiliza os seus antepassados europeus como símbolo do seu legado familiar e estatuto colonial superior.
- 63 Sobre a representação e a presença do espaço urbano em geral na poesia anglófona, vejamos-se Monroe Spears, *Dyonysus and the City: Modernism in Twentieth-Century Poetry*, Oxford, Oxford University Press, 1970, pp. 70-81 e Peter Barry, *Contemporary British Poetry and the City*, Manchester, Manchester University Press, 2000, pp. 4-56.
- 64 Vide transcrição do poema em Rogério Miguel Puga, "Macau na poesia inglesa: Sir John Francis Davis; Sir John Bowring; W. H. Auden; Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres", p. 854.
- 65 *Ibidem*, p. 857.
- 66 *Ibidem*, pp. 855-859.
- 67 Maria Pacheco Borges, "Órfã", in *Chinesinha*, Macau, Instituto Cultural de Macau/Instituto Português do Oriente, 1995, p. 17.
- 68 W. H. Auden, *Collected Poems*, Londres, Faber and Faber, 1991, pp. 175-176. Consulte-se Donald C. Baker e Elizabeth D. Baker, "A Great English Poet on China, Hong Kong and Macao: W. H. Auden and 'A Weed from Catholic Europe'", *Review of Culture* (Macau), n.º 25, 1995, pp. 241-248.
- 69 W. H. Auden, *op. cit.*, p. 176.
- 70 *Idem, ibidem*.
- 71 Hendrick de Leeuw, *Cities of Sin*, Nova Iorque, Willey Book Company, 1945, pp. 146-147.
- 72 De acordo com Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 316, o Hotel Boa Vista é arrendado durante quatro anos (1946-1950) pelo governo britânico como casa de repouso das Forças Armadas inglesas no Oriente, à semelhança do que aconteceu entre 1934 e 1937, quando Macau acolhe cadetes da Administração Civil de Hong Kong para aí aprenderem cantonense.
- 73 Veja-se o prólogo da obra e o número 6 da publicação mensal e trilingue (português, inglês e chinês) *Mosaico*, Janeiro de 1951, no qual Jollie publica alguns dos seus poemas ("Poetry").
- 74 W. H. Davenport Adams, *Famous Caves and Catacombs: Described and Illustrated*, Londres, T. Nelson, 1886, p. 190.
- 75 Cf. Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, p. 316, de acordo com quem o poeta dedica alguns textos à sua amada. De facto, o sujeito lírico aborda várias temáticas intimistas em torno do amor e da figura da sua companheira ao longo de composições como "To a girl carrying four lobsters on the sea front"; "Midnight thoughts"; "Noon at Macao"; "Chinoiserie (from Théophile Gautier)" e "Macao" (G. H. Jollie, *The Edge of the World: Translations from the Chinese and Some Additional Poems*, Macau, Tipografia Mercantil de Nicolau Tolentino Fernandes & Filhos, 1949, pp. 20, 22, 24, 25 e 26, respectivamente).
- 76 Dana Brand, *The Spectator and the City in Nineteenth-Century American Literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, pp. 5-6, define este conceito literário como o espectador que vagueia pela cidade sem qualquer propósito definido, observando a vida urbana.
- 77 G. H. Jollie, "For Ah Kwai", in *op. cit.*, p. 23; tradução nossa.
- 78 *Idem*, "Macao", in *op. cit.*, p. 26.
- 79 *Idem, ibidem*.
- 80 *Idem*, "January afternoon" e "Santa Rosa de Lima: The Convent School", in *op. cit.*, p. 20. Sobre o recolhimento feminino, veja-se Pe. Manuel Teixeira, *Toponímia de Macau*, vol. 1, pp. 117-119.
- 81 Consulte-se Rogério Miguel Puga, "Macau na poesia inglesa: Sir John Francis Davis; Sir John Bowring; W. H. Auden; Gerald H. Jollie e Alexandre Pinheiro Torres", pp. 861-872, para um estudo dos poemas de Jollie, no qual traduzimos cinco dessas composições.
- 82 Os poemas são traduzidos para inglês por Deborah Nickson e revistos pelo poeta John Freeman.
- 83 Alexandre Pinheiro Torres, "Cemeteries", in *Trocar de Século: Poemal Century Sleep: A Poem*, tradução para inglês de Deborah Nickson e revisão de John Freeman, Fundação Oriente, Lisboa, 1995, p. 58.
- 84 *Idem*, "To live, to survive", in *op. cit.*, p. 60.
- 85 *Idem*, "Inheritances", in *op. cit.*, p. 66.
- 86 *Idem*, "The blood of Lotus", "Where to fly" e "Humanity digested", in *op. cit.*, pp. 44, 64 e 46, respectivamente.
- 87 *Idem*, "Life, the game", in *op. cit.*, p. 22.
- 88 *Idem*, "St. Paul's", in *op. cit.*, p. 50.
- 89 Anne Rouse, "A Sight In Macao", in *Sunset Grill*, Newcastle upon Tyne, Bloodaxe Books, 1993, p. 52.
- 90 Sobre a árvore do pagode, veja-se Graciete Nogueira Batalha, *Glossário do Dialecto Macaense: Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*: Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, 1977, p. 55.
- 91 Charles Thomlinson, "Macao", in *Skywriting and other Poems*, Chicago, Ivan R. Dee, 2003, p. 54.
- 92 *Idem, ibidem*, p. 55.
- 93 *Idem, ibidem*, p. 54.
- 94 *Idem, ibidem*.
- 95 Colin Simpson, *Asia's Bright Balconies: Hong Kong. Macao. Philippines*, Londres, Angus & Robertson, 1962, p. 173.
- 96 Sue Vice, *Introducing Bakhtin*, Manchester, Manchester University Press, 1997, pp. 201-202.
- 97 Vide Mike Crang, "Rhythms of the City: Temporalised Space and Motion", in Nigel Thrift e John May (eds.), *Timespace: Geographies of Temporality*, Londres, Routledge, 2001, pp. 188-191.
- 98 Ato Quayson, "Postcolonialism and Postmodernism", in Henry Schwarz e Ray Sangeeta (eds.), *A Companion to Postcolonial Studies*, Oxford, Blackwell, 2000, pp. 104-105.
- 99 Consulte-se Gary Samuel Morson, *Mikhail Bakhtin: Creation of a Prosaics*, Stanford, Stanford University Press, 1990, pp. 366-370.
- 100 Frederik Tygstrup, "The Literary City: Between System and Sensation", in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, Amesterdão, Rodopi, 2005, p. 229.